

A integralização da extensão no curso de Ciências Biológicas da UFPR Setor Palotina

The integralization of extension into the Biological Sciences course at UFPR Setor Palotina



Lucíola Thais Baldan¹, Carina Kozera², Valéria Ghislotti Iared³

RESUMO

O manuscrito traz um relato de experiência com o objetivo de apresentar as análises iniciais da implementação de um projeto guarda-chuva de extensão, o Bio na Boca do Povo, para a creditação das horas de extensão dos alunos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) do Setor Palotina. O projeto foi elaborado em 2022 e a partir do segundo semestre de 2023 já puderam ser identificadas as potencialidades e os desafios para viabilizar os princípios extensionistas nas ações das disciplinas vinculadas ao projeto, a saber: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante; e impacto e transformação social. As primeiras experiências serão aqui discutidas à luz da literatura e documentos oficiais referentes às práticas extensionistas. Dentre as fragilidades apontadas, percebe-se o extenso uso das redes sociais como ações extensionistas, o que dificulta a concretização de vários dos princípios supracitados. Além disso, verificou-se uma lacuna de conhecimentos em relação ao processo formativo dos docentes e dos estudantes quanto à concepção de extensão. Todavia, foram evidenciados aspectos positivos de iniciativas que se efetivaram na comunidade e, portanto, impactaram na formação dos estudantes e na sociedade. Conclui-se que a opção pela adoção de um projeto guarda-chuva para o Curso de Ciências Biológicas foi uma opção condizente com a realidade do nosso contexto, especialmente por desonerar os professores de criarem os seus próprios projetos de extensão, garantindo, com isso, a oferta e a computação da respetiva carga horária extensionista.

Palavras-chave: Graduação. Projeto guarda-chuva de extensão. Creditação da extensão.

ABSTRACT

The manuscript brings an experience report with the aim of presenting the initial analyzes of the implementation of an umbrella extension project, Bio na Boca do Povo, for the crediting of extension hours for students of the Biological Sciences course at the Federal University of Paraná (UFPR) of the Palotina Sector. The project was developed in 2022 and from the second half of 2023, the potential and challenges to enable extension principles in the actions of the disciplines linked to the project could be identified, namely: dialogical interaction; interdisciplinarity and interprofessionality; inseparability between teaching, research, and extension; impact on student training; and social impact and transformation. The first experiences will be discussed here considering the literature and official documents relating to extension practices. Among the weaknesses highlighted, the extensive use of social networks as extension actions can be seen, which makes it difficult to implement several of the principles. Furthermore, there was a gap in knowledge regarding the educative process of teachers and

¹ Doutorado em Zoologia. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Palotina, Paraná, Brasil. E-mail: baldanlt@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1854-3877>

² Doutorado em Engenharia Florestal, na área de conservação da natureza. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Palotina, Paraná, Brasil. E-mail: carinakozera@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2926-6323>

³ Doutora em Ciências. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Palotina, Paraná, Brasil. E-mail: valeria.iared@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1082-9870>

students regarding the conception of extension. However, positive aspects of initiatives that took place in the community and, therefore, impacted the training of students and society were highlighted. It is concluded that the option to adopt an umbrella project for the Biological Sciences Course was an option consistent with the reality of our context, especially as it frees teachers from creating their own extension projects, thus ensuring the supply and calculation of the respective extension hours.

Keywords: University graduate. Umbrella extension project. Crediting the extension.

INTRODUÇÃO

As primeiras atividades extensionistas que se tem conhecimento foram registradas no século XIX na Inglaterra. A partir daí, difundiram-se pelo continente europeu, chegando posteriormente aos Estados Unidos e ao Brasil somente no início do século XX. Apesar de não possuir os mesmos objetivos nos países da Europa e nos Estados Unidos, a extensão esteve e ainda se encontra em um contexto de equidade social e de outros tensionamentos políticos (DE PAULA, 2013). Esses aspectos influenciaram fortemente a extensão na América Latina, a qual culminou junto com movimentos da contracultura e de reformas universitárias que enfrentavam o autoritarismo imposto pela ditadura militar naquela ocasião. Motivada por outras ideias e lutas, a extensão universitária passa a assumir pressupostos da educação popular, tendo como principal referência o pensador Paulo Freire (GADOTTI, 2017).

Todavia, ao longo das décadas, configuraram-se no Brasil três vertentes de extensão universitária: a concepção assistencialista, a acadêmica e a mercantilista. Segundo Jezine (2004), a concepção assistencialista funcionava como uma prática em substituição à responsabilidade do governo em formalizar políticas públicas que atendessem à sociedade. Ou seja, sob o discurso de compromisso social da universidade, estudantes e professores seriam mão-de-obra barata em ações sociais extramuros. A concepção mercantilista, ativada por práticas ideológicas neoliberais, igualaria a extensão à prestação de serviços. Isto é, ao invés de priorizar os princípios emancipatórios da extensão universitária, a sociedade faria o papel de cliente e consumidora das produções realizadas no âmbito acadêmico. Por fim, a vertente acadêmica remete aos princípios da educação popular, percebendo a comunidade como protagonista das discussões da universidade. Jazine (2004) vai além e postula que essa vertente:

não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa, mas implica a sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade, na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia sejam os pilares da formação e da produção do conhecimento (JAZINE, 2004, p. 03).

Criado em 1987, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) é referência para a extensão universitária enquanto política pública. As discussões do FORPROEX buscam instrumentos de avaliação e de acompanhamento das ações extensionistas, além da institucionalização da extensão como uma dimensão indissociável da atuação universitária. Desde a sua criação é responsável por vários avanços do que temos hoje como Política Nacional de Extensão Universitária, a qual estabelece cinco diretrizes que orientam a formulação e a implementação das ações de extensão universitária no Brasil: “1-) Interação Dialógica, 2-) Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, 3-) Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, 4-) Impacto na Formação do Estudante, e 5-) Impacto e Transformação Social” (FORPROEX, 2012).

Todo esse movimento culminou em um processo chamado de curricularização da extensão, regulamentado pela Resolução MEC/CNE/CES Nº 007/2018, de 18 dezembro de 2018 (BRASIL, 2018). Como o próprio conceito de extensão, a sua implementação no currículo tem caráter polissêmico. Trata-se de equalizar as atividades de extensão, as quais sempre foram subjugadas na história da universidade às atividades de ensino e pesquisa. Somar à complexidade e diversidade do conceito de currículo ao caráter plural da extensão é uma tarefa desafiadora.

Assim como a implementação da extensão tem diferentes tendências, o currículo dentro da universidade também foi e é alvo de tensionamentos. Alguns currículos buscam uma visão mercantilista e neoliberal, realçando aspectos estritamente tecnicistas e reduzindo a formação profissional à aspectos conceituais sem discutir aspectos de uma sociedade mais justa, cidadã e ética. Por outro lado, existem currículos com visões problematizadoras que investem em egressos com uma formação mais ampla ao não restringir as disciplinas apenas a conceitos científicos. Ao propor reflexões e uma visão que estende a discussão para a vida pública, cultural, ética, social e política, esses currículos priorizam a formação crítica e emancipatória.

Segundo Gadotti (2017), a proposta de curricularização da extensão não é recente. Já foi discutida em outros momentos e foi reacendida fortemente no Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010, em suas metas 21 e 23, e no PNE de 2014-2023, na sua estratégia 7 da meta 12. Nos dois PNEs consta a obrigatoriedade de assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e/ou projetos de extensão universitária. O autor postula que há uma evolução de uma visão mais popular e emancipatória do primeiro para o segundo PNE e que “a curricularização da extensão também questiona o sentido da universidade” (GADOTTI, 2017, p. 01).

Atendendo à legislação nacional, especificamente a Resolução nº 7/2018-MEC/CNE/CES (BRASIL, 2018), a Universidade Federal do Paraná (UFPR) aprovou em

2020 a Resolução 86/2020 – CEPE (UFPR, 2020), a qual organiza as atividades curriculares de extensão (ACE) em cinco modalidades:

I – ACE I – disciplina introdutória de fundamentação da Extensão, de até 30 horas, de caráter obrigatório ou optativo;

II – ACE II – disciplinas de caráter obrigatório, incluindo a disciplina de estágio obrigatório, e/ou disciplinas de caráter optativo com previsão de uma parte ou da totalidade da carga horária destinada à participação em ações de Programas ou Projetos de Extensão;

III – ACE III – participação estudantil em Programas ou Projetos de Extensão da UFPR;

IV – ACE IV – participação estudantil como integrante da equipe organizadora e/ou ministrante de cursos e eventos ou participante de ações de prestação de serviço, que estejam todos vinculados a Programas ou Projetos de Extensão, conforme entendimento dos parágrafos 1º e 2º do artigo 3º desta Resolução;

V – ACE V – participação estudantil em Programas ou Projetos de Extensão em outras Instituições de Ensino Superior-IES com parceria conforme as modalidades normatizadas pela Pró Reitoria de Planejamento e Finanças – PROPLAN (UFPR, 2020, p. 03).

Diante disso, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Ciências Biológicas do Setor Palotina da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2020, implementou uma reformulação curricular que, dentre várias necessidades do curso (atualizar as ementas das disciplinas, potencializar os êxitos e corrigir as fragilidades), ajustou-se às novas legislações e recomendações vigentes. Com isso, esse relato de experiência objetiva apresentar a organização das atividades de extensão do Curso de Ciências Biológicas lotado no Setor Palotina da UFPR como forma de contribuir para as discussões sobre a curricularização da extensão.

O PROCESSO

O Curso de Ciências Biológicas da UFPR – Setor Palotina está localizado no município de Palotina e foi implementado em 2010 na modalidade Bacharelado, como uma das ações do Programa REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). Ele foi criado devido a uma demanda social do oeste do Paraná por novos profissionais que pudessem atender aos desafios ambientais dessa região, há décadas explorada principalmente para fins agrícolas. Essa foi precisamente a justificativa para iniciar um curso com esse perfil nessa região do Paraná.

Em 2013 houve uma primeira reforma curricular, que foi conduzida com o intuito de contemplar a Licenciatura como uma das habilitações do curso. Portanto, a

partir de 2014, o Curso de Ciências Biológicas da UFPR – Setor Palotina passou a oferecer duas modalidades, Bacharelado e Licenciatura. Durante os anos de implantação do novo currículo – Licenciatura, novos profissionais integraram o corpo docente do curso, os quais puderam oferecer novas linhas de pesquisa que viriam a contribuir com o perfil do egresso. Somado a isso, foram surgindo demandas para a atualização do currículo vigente, decorrente de atualizações na legislação, que precisariam ser incorporadas. Essas novas demandas, identificadas pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE), levaram à decisão de uma nova reformulação da matriz curricular, a qual passou a incorporar a extensão como componente obrigatório.

As discussões iniciaram-se em 2020, contudo, o novo currículo foi implementado apenas em 2022, com uma carga horária total de 3350 horas e, portanto, com a necessidade de curricularizar 335 horas de extensão. Nesses dois anos de discussão, a coordenação do Curso, juntamente com o NDE, envolveu todos os professores apresentando possibilidades para a realização da extensão nas suas respectivas disciplinas e dando abertura para que os docentes fizessem a escolha de como poderiam contribuir em cada uma delas. Para as discussões, foram organizados grupos de disciplinas por áreas afins e foi solicitado aos professores que incluíssem carga horária de extensão conforme suas necessidades e possibilidades. Além disso, durante as discussões, foi informado que haveria um projeto de extensão que comportaria cada uma das disciplinas com carga horária em extensão, além de eventos isolados ou vinculados ao projeto, desonerando os professores de criarem os seus próprios projetos e garantindo com isso a oferta e a computação da respetiva carga horária extensionista.

A modalidade de Licenciatura do Curso de Ciências Biológicas do Setor Palotina foi pensada desde o início em um formato que possibilitasse uma maior interação com professores e alunos do ensino fundamental 2 e do ensino médio por meio das suas disciplinas. Dessa forma, apresentando materiais propostos pelos discentes do Curso ao longo de um semestre, em rodas de conversa com professores, palestras e/ou workshops o intuito é aproximar a universidade e os futuros egressos da realidade do ensino. Logo, as disciplinas que contém as Práticas como Componente Curricular (PCC), que objetivam a discussão sobre o ensino de conteúdos específicos de ciências e biologia, além das demais disciplinas obrigatórias do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), passaram a computar quase que a integralidade da carga horária de extensão dentro das ACE II (TABELA 1).

De forma contrária, já se previa que a possibilidade de contar com o total da carga horária de extensão nas disciplinas do Bacharelado não seria possível pois, diferente da Licenciatura que tem naturalmente um vínculo com a extensão, nesta outra modalidade ainda predomina o aspecto técnico, mais vinculado à pesquisa. Dessa forma, o Bacharelado conta com menos horas vinculadas às disciplinas (TABELA 1), sendo

necessária a complementação através da participação em disciplinas optativas com extensão ou em projetos de extensão.

Tabela 1 – Carga horária distribuída entre as diferentes Atividade Curriculares de Extensão (ACE) no Curso de Ciências Biológicas da UFPR – Setor Palotina

Modalidade	Carga horária de extensão em disciplinas obrigatórias	Horas a cumprir em disciplinas optativas (ACE II) e/ou projetos de extensão (ACE III, IV e V)
Bacharelado	139 horas	196 horas
Licenciatura	330 horas	05 horas

Faz-se relevante citar que o Setor Palotina da UFPR é reconhecido por suas práticas extensionistas (ARANTES et al., 2023; BALTELMEBS; BERTICELLI, 2018), condição que oportuniza aos discentes várias possibilidades de participação em projetos extensionistas. Contudo, para atender os professores do Curso de Ciências Biológicas que não atuavam na extensão e que passariam a ter atividades extensionistas nas suas disciplinas, foi criado um projeto que pudesse vincular as disciplinas desses professores, ou outros interessados, de ambas as modalidades, Licenciatura e Bacharelado. Esse projeto foi elaborado por uma comissão interna, constituída dentro do Curso e seguindo a Instrução Normativa da PROGRAD 1/2022, de 23 de março de 2022 (UFPR, 2022), que é a responsável pela manutenção do mesmo. O projeto de extensão Bio na Boca do Povo, projeto ora denominado de “projeto guarda-chuva”, está atualmente vigente e tem previsão de término para 2027. Foi aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) sob o registro PEX00000789.

AÇÕES DO PROJETO

O projeto de extensão Bio na Boca do Povo foi implementado no segundo semestre de 2022 e em seu primeiro ano de atividade já atendeu 22 ofertas de disciplinas. Para auxiliar na organização das ações, três alunos foram vinculados ao projeto em 2023, sendo um deles bolsista.

Com o objetivo de divulgar as diferentes áreas de conhecimento das Ciências Biológicas, oportunizando a realização de diferentes atividades extensionistas por alunos do curso, com o intuito de formá-los para atuarem em uma perspectiva comunitária, o projeto atua em três frentes:

1^a) Elaboração de materiais didáticos relacionados à área das Ciências Biológicas:

Biológicas: em conjunto com o professor orientador, os discentes participantes do projeto elaboram materiais didáticos que possam ser utilizados em ações extensionistas realizadas em escolas ou em eventos regionais para diferentes públicos, como mostras didáticas ou oficinas, de forma a aproximar a comunidade do conhecimento científico. Estes materiais ficam armazenados numa coleção e estão disponíveis para empréstimo para a comunidade local e para professores da rede de ensino básico.

As disciplinas que optam por propor a criação de novos materiais didáticos (sejam eles ideias, novas formas de trabalhar conteúdo ou atividades lúdicas e modelos didáticos) têm a possibilidade de inserir suas propostas em um acervo digital. Assim foi criado um domínio associado a UFPR (www.movibio.ufpr.br), que disponibiliza materiais propostos por alunos de diferentes disciplinas (em especial da Licenciatura), além de apresentar ao visitante mais informações sobre a extensão na UFPR e em especial no Curso de Ciências Biológicas, Setor Palotina.

2^a) Divulgação de informações ou mostra de materiais didáticos em plataformas online e redes sociais: nessa frente de trabalho propõe-se ao discente, participante das ações extensionistas, a elaboração de textos de caráter lúdico e científico ou de materiais didáticos voltados para o ensino de ciências com o intuito de divulgação científica.

De fato, alguns professores e disciplinas optaram por fazer divulgação científica a partir de redes sociais usando principalmente o Instagram. Dados levantados de um semestre (2º semestre de 2023) mostram a interação de publicações com mais de 500 perfis onlines.

3^a) Realização de trabalhos diretamente com a comunidade: compreende o planejamento de ações extensionistas junto a um determinado público (infantil, adolescente, adulto ou idoso) e contexto (museus, unidades de conservação, escolas, feiras, praças etc.), de maneira a propiciar a troca de experiências entre a população e a universidade.

Dentro dessa frente, foram realizados quatro eventos vinculados ao Bio na Boca do Povo, sendo eles: “II Mostra Virtual da Biologia - MoViBio”, “III MoViBio”, ambos os eventos abertos a todas as disciplinas do curso; “Roda de conversa: Como pensamos a Ciência e, em especial, a ecologia no ensino básico”, vinculado e elaborado para a disciplina de Oficina Didática de Ecologia; e “Vivências com parasitas”, vinculado e elaborado para a disciplina de Oficina de Ciências da Saúde. Além desses eventos, as

disciplinas de Educação Ambiental, Desmistificando a Zoologia, Sistemática de Fanerógamas e Zoologia 2 realizaram atividades diretamente com a comunidade seja no âmbito formal (escolas ou nos espaços da universidade) ou informal (associação de moradores, igrejas, empresas, entre outros locais).

ANÁLISE INICIAIS

A primeira fragilidade percebida no processo de creditação da extensão das disciplinas vinculadas ao projeto Bio na Boca do Povo foi o pouco entendimento do que é a extensão por parte dos alunos e professores envolvidos. Isso se deve ao fato de que muitos professores estão começando a atuar agora com a extensão e a maioria dos alunos do curso não passou por um processo formativo que apresentasse os aspectos históricos, a concepção e a importância das atividades extensionistas. Essa lacuna teórica pode implicar em práticas superficiais, pouco embasadas e distantes dos princípios extensionistas. Autores já atentaram para as possíveis práticas reducionistas, que dissociam a extensão da cogeração de conhecimento e do papel transformador para todos os envolvidos no processo (IMPERATORE, PEDDE & IMPERATORE, 2015). Para superar essa lacuna tem-se entendido sobre a necessidade da organização de rodas de conversa entre alunos e professores e a criação de uma disciplina optativa para os estudantes do Curso de Ciências Biológicas. Esses dois espaços seriam viáveis para discutir as potencialidades e desafios de viabilizar os princípios extensionistas. Arantes et al. (2023) já haviam percebido essa lacuna de conhecimentos sobre a extensão entre os alunos do Setor Palotina e indicaram algumas estratégias que poderiam ser empregadas para alterar este cenário. Uma delas é a promoção de atividades, como rodas de conversas, discussões ou até mesmo oficinas de curta duração, nas quais seja possível trabalhar o conceito da extensão. As autoras afirmam que esse processo de diálogo inicial é essencial para despertar a percepção do aluno, especialmente quanto à indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e a extensão nas suas ações e no seu cotidiano acadêmico.

Uma segunda análise sobre o processo de creditação no curso de Ciências Biológicas recai sobre o uso excessivo das redes sociais enquanto atividade extensionista. As redes sociais atualmente são vias importantes de comunicação e divulgação científica, mas não substituem o contato efetivo com a comunidade. A interação dialógica, um dos princípios extensionistas, requer uma postura mais proativa, mobilizada por meio de encontros com diferentes atores e segmentos sociais. Embora Santos et al. (2022) tenham

analisado o uso de redes sociais no desenvolvimento da extensão e entendam que essas são ferramentas positivas de comunicação, contribuindo inclusive em futuras ações profissionais, nesses encontros virtuais entende-se que a comunicação é unidirecional (como no caso das postagens do Instagram) e não multilateral. Além disso, uma visualização ou uma curtida em uma postagem em uma rede social não representa de fato o acesso ao conhecimento compartilhado. Ao possibilitar encontros efetivos, presenciais, somos expostos ao diferente e ao dissenso, o que se concretiza como uma possibilidade de aprendizagem e impacto na formação do estudante, pois como diria Paulo Freire (1992) “aprendemos com o diferente e não com o igual”. Além disso, nestas oportunidades o aluno tem a possibilidade de refletir sobre as suas experiências, sobre o que ele aprendeu em sala de aula e com a comunidade, e que possibilitam a sua formação com base na busca pelo saber ser, saber fazer e saber aprender, ou seja, na formação de suas competências (FERNANDES et al., 2012).

Ambos os pontos apontados são aspectos que devem ser avaliados no contexto da creditação da extensão do curso de Ciências Biológicas, com o objetivo de direcionar as próximas ações extensionistas de forma que possam ser realmente impactantes na formação do aluno e que possibilitem uma transformação social.

Nesse sentido, ao longo dessas primeiras ações do projeto Bio na Boca do Povo para a creditação da extensão, já houve alguns relatos de impactos positivos. Na disciplina de Sistemática de Fanerógamas (obrigatória), por exemplo, a professora responsável relatou que alguns alunos da graduação, que realizaram as ações de forma presencial com alunos de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Palotina-PR dentro do campus da Universidade, se sentiram motivados e que puderam utilizar os conhecimentos aprendidos na sala de aula para explicar sobre o universo das plantas. Relataram que perceberam, no momento das ações, que a forma de diálogo com as crianças não poderia ser a acadêmica e que precisaram modular a forma de comunicação para trabalhar os conteúdos de maneira mais lúdica, atraindo a atenção dos alunos visitantes. A mesma professora, que acompanhou todas as atividades, relatou ainda que percebeu a vibração das crianças ao observar os equipamentos ópticos no laboratório, ao entrar na trilha da floresta ou simplesmente por estar na universidade.

Outra disciplina com resultados positivos foi a de Educação Ambiental (obrigatória) que trabalha na perspectiva da pedagogia de projetos (BRASIL, 1998) desde 2016. Através dessa metodologia, os estudantes desenvolvem um trabalho participativo por meio de três encontros consecutivos com a comunidade em diferentes contextos e

públicos. Segundo Oliveira e Zancul (2011), a pedagogia de projetos possibilita a definição do tema e a escolha de um problema de investigação; a demarcação de objetivos; a seleção de conteúdo para o tratamento do problema proposto; a seleção de atividades para a exploração do tema e para seu fechamento, e uma proposta de avaliação dos resultados. Ao longo desses anos, os estudantes articularam teoria e prática, reforçando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Para além disso, percebeu-se a importância de articular o diálogo de saberes, por meio da troca de experiências entre saber científico e saber tradicional, aspecto fundamental para viabilizar a interação dialógica, a interdisciplinaridade e interprofissionalidade.

As disciplinas Desmistificando a Zoologia (optativa) e Zoologia 2 (obrigatória) também realizam atividades com a comunidade nas dependências da UFPR. Na primeira, Desmistificando a Zoologia, a proposta foi apresentar as discussões levantadas pelos alunos e pela docente, em sala de aula, para os visitantes do evento “Vem para UFPR” (edição 2023 – primeiro semestre), que recebeu alunos de 43 escolas de 23 municípios, além da comunidade em geral, totalizando mais de 2.000 participantes. Já a disciplina de Zoologia 2 trabalhou com alunos do ensino médio do Colégio Agrícola Adroaldo Augusto Colombo em uma oficina oferecida nas dependências da UFPR, no 6º Ciclo de Palestras do Colégio & UFPR Setor Palotina. Para essa oficina os alunos da disciplina de Zoologia 2 precisaram levantar informações sobre grupos de animais já estudados em sala (no caso, moluscos) com interesse (positivo ou negativo) na agricultura. Foram recebidos 15 alunos do Colégio Agrícola, além de um professor para uma manhã de conversas e atividades práticas.

A primeira fragilidade percebida no processo de creditação da extensão das disciplinas vinculadas ao projeto Bio na Boca do Povo foi o pouco entendimento do que é a extensão por parte dos alunos e professores envolvidos. Isso se deve ao fato de que muitos professores estão começando a atuar agora com a extensão e a maioria dos alunos do curso não passou por um processo formativo que apresentasse os aspectos históricos, a concepção e a importância das atividades extensionistas. Essa lacuna teórica pode implicar em práticas superficiais, pouco embasadas e distantes dos princípios extensionistas. Autores já atentaram para as possíveis práticas reducionistas, que dissociam a extensão da cogeração de conhecimento e do papel transformador para todos os envolvidos no processo (IMPERATORE, PEDDE & IMPERATORE, 2015). Para superar essa lacuna tem-se entendido sobre a necessidade da organização de rodas de conversa entre alunos e professores e a criação de uma disciplina optativa para os

estudantes do Curso de Ciências Biológicas. Esses dois espaços seriam viáveis para discutir as potencialidades e desafios de viabilizar os princípios extensionistas. Arantes et al. (2023) já haviam percebido essa lacuna de conhecimentos sobre a extensão entre os alunos do Setor Palotina e indicaram algumas estratégias que poderiam ser empregadas para alterar este cenário. Uma delas é a promoção de atividades, como rodas de conversas, discussões ou até mesmo oficinas de curta duração, nas quais seja possível trabalhar o conceito da extensão. As autoras afirmam que esse processo de diálogo inicial é essencial para despertar a percepção do aluno, especialmente quanto à indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e a extensão nas suas ações e no seu cotidiano acadêmico.

Uma segunda análise sobre o processo de creditação no curso de Ciências Biológicas recai sobre o uso excessivo das redes sociais enquanto atividade extensionista. As redes sociais atualmente são vias importantes de comunicação e divulgação científica, mas não substituem o contato efetivo com a comunidade. A interação dialógica, um dos princípios extensionistas, requer uma postura mais proativa, mobilizada por meio de encontros com diferentes atores e segmentos sociais. Embora Santos et al. (2022) tenham analisado o uso de redes sociais no desenvolvimento da extensão e entendam que essas são ferramentas positivas de comunicação, contribuindo inclusive em futuras ações profissionais, nesses encontros virtuais entende-se que a comunicação é unidirecional (como no caso das postagens do Instagram) e não multilateral. Além disso, uma visualização ou uma curtida em uma postagem em uma rede social não representa de fato o acesso ao conhecimento compartilhado. Ao possibilitar encontros efetivos, presenciais, somos expostos ao diferente e ao dissenso, o que se concretiza como uma possibilidade de aprendizagem e impacto na formação do estudante, pois como diria Paulo Freire (1992) “aprendemos com o diferente e não com o igual”. Além disso, nestas oportunidades o aluno tem a possibilidade de refletir sobre as suas experiências, sobre o que ele aprendeu em sala de aula e com a comunidade, e que possibilitam a sua formação com base na busca pelo saber ser, saber fazer e saber aprender, ou seja, na formação de suas competências (FERNANDES et al., 2012).

Ambos os pontos apontados são aspectos que devem ser avaliados no contexto da creditação da extensão do curso de Ciências Biológicas, com o objetivo de direcionar as próximas ações extensionistas de forma que possam ser realmente impactantes na formação do aluno e que possibilitem uma transformação social.

Nesse sentido, ao longo dessas primeiras ações do projeto Bio na Boca do Povo para a creditação da extensão, já houve alguns relatos de impactos positivos. Na disciplina

de Sistemática de Fanerógamas (obrigatória), por exemplo, a professora responsável relatou que alguns alunos da graduação, que realizaram as ações de forma presencial com alunos de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Palotina-PR dentro do campus da Universidade, se sentiram motivados e que puderam utilizar os conhecimentos aprendidos na sala de aula para explicar sobre o universo das plantas. Relataram que perceberam, no momento das ações, que a forma de diálogo com as crianças não poderia ser a acadêmica e que precisaram modular a forma de comunicação para trabalhar os conteúdos de maneira mais lúdica, atraindo a atenção dos alunos visitantes. A mesma professora, que acompanhou todas as atividades, relatou ainda que percebeu a vibração das crianças ao observar os equipamentos ópticos no laboratório, ao entrar na trilha da floresta ou simplesmente por estar na universidade.

Outra disciplina com resultados positivos foi a de Educação Ambiental (obrigatória) que trabalha na perspectiva da pedagogia de projetos (BRASIL, 1998) desde 2016. Através dessa metodologia, os estudantes desenvolvem um trabalho participativo por meio de três encontros consecutivos com a comunidade em diferentes contextos e públicos. Segundo Oliveira e Zancul (2011), a pedagogia de projetos possibilita a definição do tema e a escolha de um problema de investigação; a demarcação de objetivos; a seleção de conteúdos para o tratamento do problema proposto; a seleção de atividades para a exploração do tema e para seu fechamento, e uma proposta de avaliação dos resultados. Ao longo desses anos, os estudantes articularam teoria e prática, reforçando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Para além disso, percebeu-se a importância de articular o diálogo de saberes, por meio da troca de experiências entre saber científico e saber tradicional, aspecto fundamental para viabilizar a interação dialógica, a interdisciplinaridade e interprofissionalidade.

As disciplinas Desmistificando a Zoologia (optativa) e Zoologia 2 (obrigatória) também realizam atividades com a comunidade nas dependências da UFPR. Na primeira, Desmistificando a Zoologia, a proposta foi apresentar as discussões levantadas pelos alunos e pela docente, em sala de aula, para os visitantes do evento “Vem para UFPR” (edição 2023 – primeiro semestre), que recebeu alunos de 43 escolas de 23 municípios, além da comunidade em geral, totalizando mais de 2.000 participantes. Já a disciplina de Zoologia 2 trabalhou com alunos do ensino médio do Colégio Agrícola Adroaldo Augusto Colombo em uma oficina ofertada nas dependências da UFPR, no 6º Ciclo de Palestras do Colégio & UFPR Setor Palotina. Para essa oficina os alunos da disciplina de Zoologia 2 precisaram levantar informações sobre grupos de animais já estudados em sala (no caso,

moluscos) com interesse (positivo ou negativo) na agricultura. Foram recebidos 15 alunos do Colégio Agrícola, além de um professor para uma manhã de conversas e atividades práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, foram obtidos poucos indicadores para uma análise e avaliação mais profunda do impacto e alcance do projeto Bio na Boca do Povo na comunidade e na formação dos alunos, devido ao seu pouco tempo de implementação. Todavia, considera-se que, apesar disso, percebe-se uma formação política e cidadã diferenciada dos estudantes e professores que passaram por esse processo formativo, segundo relatos recebidos. Isso já é motivo suficiente para acreditar e investir em currículos mais participativos e engajados com e na sociedade.

Por fim, verificou-se que o projeto guarda-chuva Bio na Boca do Povo é uma iniciativa efetiva para viabilizar a creditação da extensão no Curso de Ciências Biológicas da UFPR Setor Palotina. A adoção das três frentes (1. Elaboração de materiais didáticos relacionados à área das Ciências Biológicas; 2. Divulgação de informações ou mostra de materiais didáticos em plataformas online e redes sociais, e 3. Realização de trabalhos diretamente com a comunidade) vem contemplando as várias ações dos professores das disciplinas e traz integralidade ao escopo do projeto.

AGRADECIMENTOS

À Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR pela bolsa de extensão concedida a um dos alunos do projeto Bio na Boca do Povo.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, M. K.; KOZERA, C.; BERTICELLI, D. G. D.; MENZE, H. K. Contribuições da extensão na formação de discentes dos cursos de graduação da UFPR Setor Palotina. *Extensão em Foco*, n. 30, p. 84-103, 2023.
- BARTELMEBS, R. C.; BERTICELLI, D. G. D. (Org.). **25 anos de extensão no Setor Palotina da Universidade Federal do Paraná**. Curitiba: Editora CRV, 2018. 206p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 436 p.

BRASIL. Portaria n. 21, de 21 de dezembro de 2017. Dispõe sobre o sistema e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, e o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC. Diário Oficial da União: n. 245, seção 1, p. 29 a 33, 22 dez. 2017.

BRASIL. Resolução MEC/CNE/CES n. 7/2018, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Diário Oficial da União: n. 243, seção 1, p. 49 e 50, 19 dez. 2018.

DE PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

FORPROEX, **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus - AM, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária**: Para quê? Brasil: Instituto Paulo Freire, 2017.

IMPERATORE, S.L.B.; PEDDE, V.; IMPERATORE, J.L.R. Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE. In: **XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU**: Desafios da Gestão Universitária no Século XXI. Mar del Plata: Argentina, 2015 ISBN: 978-85-68618-01-1

JEZINE, E. As práticas curriculares da extensão universitária. In: **II Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, 2004, Belo Horizonte. [Re]conhecendo diferenças construir resultados. p. 1-15, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

OLIVEIRA, H. T.; ZANCUL, M. C. S. Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e transversalidade na Educação Ambiental: da compreensão dos conceitos à incorporação prática por meio da pedagogia de projetos. In: OLIVEIRA, H. T.; SANTOS, S. A. M. dos; DOMINGUEZ, I. G. P.; KUNIEDA, E. (Org.). **Os fundamentos e as políticas públicas de Educação Ambiental na constituição do Coletivo Educador de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e Região**. 1. ed. São Carlos: Gráfica e Editora Futura, 2011, p. 58-69.

SANTOS, A. J. R. W. A.; SOUZA, E. V.; MOREIRA, L. L.; MOTA, J. V. M. As redes sociais aliadas à extensão universitária e sua contribuição na qualificação educacional. **Expressa Extensão**, v. 27, n. 1, p. 47-62, 2022.

UFPR. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). **Resolução n. 86/2020, de 23 novembro de 2020.** Dispõe sobre a creditação das atividades curriculares de extensão nos currículos plenos dos cursos de graduação da UFPR. Curitiba: CEPE, 2020.

UFPR. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). **Instrução Normativa n. 1/2022, de 23 de março de 2022.** Regulamenta os procedimentos administrativos e operacionais para inclusão e integralização da

extensão nos currículos dos cursos de graduação de que trata a Resolução 86/20-CEPE/UFPR. Curitiba: PROGRAD, 2022.

Recebido em: 29 de abril de 2024.

Aceito em: 19 de agosto de 2024.